

**Cécile Bourgade**

Université Paris I Panthéon-Sorbonne

## Crise do corpo e corpo em crise na arquitetura moderna

A arquitetura representa o espelho da relação entre nosso corpo e o mundo. Tornada desde a antiguidade análoga à figura de um corpo em funcionamento (Vitruvius), a arquitetura materializa a organização harmoniosa de partes e funções díspares num mundo edificado. Essa organização confere a ela uma qualidade orgânica reconhecida no começo do século XX por Frank Lloyd Wright, por exemplo. A arquitetura organiza o espaço físico a partir dos dados do espaço corporal do "corpo que sente" (Merleau-Ponty). Ao longo dessa exploração, o corpo é empregado como instrumento de medida: ele avalia as distâncias a partir de sua escala. Essa medida do mundo "à altura do homem" se incarna no Modulor (1945) de Le Corbusier. Mas a via do ideal mecanicista – que reclama novos meios de produção a seu ritmo – e a aplicação em toda parte do módulo standard, vão pouco a pouco reduzindo a assimilação do corpo humano na arquitetura a uma mecânica. A busca de eficiência do projeto de Le Corbusier muda a direção do projeto antropológico que percebia o mundo usando o corpo e reduz a ruptura com a imitação abstrata dos modelos do passado que a arquitetura moderna do Congresso Internacional de Arte Moderna pretendia encarnar. A crise aguda do CIAM 9, de 1953, em Aix-en-Provence (França), denuncia uma humanidade que reduz o corpo à sua natureza biológica, incapaz de considerar as situações específicas dos corpos no mundo e não compartilhando das "técnicas do corpo" (Mauss) idênticas. Por meio de elementos de análise histórica e filosófica, demonstraremos que os reconhecimentos "concorrentes" do corpo na arquitetura iniciaram uma crise do corpo dos arquitetos no crepúsculo do movimento moderno. Essa análise interroga mais amplamente o lugar do corpo na modernidade e mostra como ele afeta simultaneamente o corpo físico e o social.

---